

A AUTORA

Adriana Ignácio de Campos Meroni
Orientadora pedagógica da EMEF Prefeito
José Lozano de Araújo, Paulínia/SP.

O ERRO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Professora considera o conhecimento resultado da experiência coletiva e descobre o gosto das crianças em contar e escrever histórias

O erro não é necessário ao processo de ensino-aprendizagem, mas quando presente deve ser visto ou encarado como um sinal amarelo, um alerta de que determinado conteúdo ainda não foi realmente incorporado à realidade da criança como algo aceitável dentro de seus esquemas cerebrais. Este fato é um dado importante para o professor e deve servir de base, trampolim para novos experimentos que, conseqüentemente, levarão à formulação de novos conceitos.

Inicia-se aí uma fase que chamarei de *fase X*, a fase de insegurança, na qual a criança descobre existir mais de um conceito para determinadas situações e, como ela está acostumada a verdades absolutas, sente-se insegura, pois está falhando ao não reconhecer-estabelecer um único critério para cada situação.

É então que surge a necessidade da socialização do erro, o que deve ser coloca-

do como natural e muitas vezes passível de interpretações.

Foi enxergando assim o processo ensino-aprendizagem e buscando desenvolver no aluno maior segurança, confiança, criticidade, auto-estima e respeito, acabando com o seu medo/bloqueio, que desenvolvi o trabalho que abaixo passo a descrever.

Este trabalho foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Oadil Pietrobom, em Paulínia – SP, com a quarta série B, cujos alunos apresentaram dificuldades no entendimento de ordens, mensagens, critérios, seqüências de fatos, roteiros e elaboração de textos.

Como este trabalho visava à socialização dos erros e conhecimentos na formulação do aprender, foi proposto aos alunos que as carteiras fossem dispostas em dois semi-círculos e assim elas permaneceram até o final do ano; pois eles gostava-

ram e se adaptaram bem a este sistema, não querendo retornar ao sistema de filas, carteiras uma atrás da outra.

O objetivo principal era a valorização das idéias, das diferentes formas de expressão e das diferentes formas de se ver e avaliar um mesmo fato-acontecimento, sempre visando ao grupo e suas diferenças como referencial e enriquecimento do trabalho.

O trabalho iniciou-se com:

1. Divisão da classe em cinco grupos, cujo único critério era que cada grupo deveria ter sete elementos.

2. Sorteio de um grupo para auxiliar o trabalho (grupo de apoio).

3. Distribuição de materiais, cartolinas, gibis, cola, tesoura, lápis de cor.

4. Lançamento da proposta: cada criança deveria fazer um fantoche.

5. Diálogo entre os fantoches do grupo. Aqui os alunos brincavam entre o grupo, conversando de acordo com o fantoche elaborado por eles.

6. Desafio lançado aos grupos – elaboração de uma história a partir dos fantoches feitos por eles.

7. Apresentação dessas histórias, na forma de teatro de fantoche, ao grupo todo. A todo o momento a equipe de apoio auxiliava os grupos, desde a elaboração dos fantoches à criação das histórias e à arrumação da sala para as apresentações.

Para interpretar, os alunos ficaram escondidos atrás das mesas, só aparecendo os fantoches e assim iam seguindo as histórias que tinham feito. Algumas equipes elegiam um narrador único; outros, cada personagem tinha sua fala.

Após as apresentações, recolhi as histórias e por este dia demos o trabalho como finalizado.

A seguir, tirei uma cópia de cada história,

para cada criança, portanto, sete histórias para cada uma. Cada dia da semana trabalhamos uma história da seguinte forma:

1. Distribuição da cópia de uma das histórias para a sala.

2. Leitura da história.

3. Levantamento das palavras ortograficamente erradas (oral).

4. Pontuação – arrumar o texto (oral).

5. Idéias – coordenação (oral).

6. Discussão com o grupo que elaborou o texto quanto às idéias, se era aquilo mesmo o que queriam dizer.

7. Reestruturação do texto na lousa por um integrante do grupo que a fez. Desta reestruturação o grupo (toda a classe) participou de acordo com os levantamentos feitos nos itens 3, 4, 5, sempre respeitando a idéia original do grupo que a elaborou.

Durante todo o ano trabalhamos desta forma, partindo de atividades individuais ou em grupos e finalizando sempre com o grupo todo.

O resultado com este tipo de trabalho foi melhor que o esperado, pois conseguimos atingir todos os objetivos propostos inicialmente, além dos objetivos cognitivos, afetivos e psicomotores.

Com o trabalho em grupo e sem verdades únicas, conseguimos fortalecer as relações entre eles. Passamos o ano todo sem nenhuma criança suspensa. As divergências eram tratadas no grupo, palavras, ofensas e brigas deixaram de existir. Formou-se um

grupo unido, com diferenças, mas com muita vontade de trabalhar junto. Elogios, cobrança de postura, responsabilidade também fizeram parte deste processo.

Tivemos uma única retenção cujo motivo foi excesso de faltas; não participação na recuperação final; e duas desistências: aluna de 16 anos que se casou e mudou e aluno que veio de outra unidade educacional com problema de excesso de faltas.

Todos os demais foram promovidos para a quinta série. Mas, mais importante

foi poder acompanhar passo a passo o desenvolvimento e o amadurecimento destas crianças. Durante todo o processo, umas ajudaram as outras, deixando de existir as *panelinhas*, isto refletiu positivamente em todas as disciplinas.

Creio com este trabalho ter conseguido desenvolver a criatividade, gosto pelo escrever, ler, se expressar, possibilitando uma visão mais rica, colorida e global do mundo, fazendo da linguagem escrita uma forma alegre de comunicação.

Resumo. Professora da rede pública de ensino da cidade de Paulínia/SP estrutura projeto pedagógico que trata o erro como parte da estratégia de ensino. Os alunos contam, escrevem e dramatizam as histórias que inventam. A atividade inicia-se a partir da feitura, pelos alunos, de bonecos fantoches, que passam a ser os personagens das histórias inicialmente dramatizadas, depois redigidas, relidas e corrigidas.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem, erro, escola, professor, aluno, boneco fantoches

(The error in the teaching-learning process)

Abstract. A teacher of the public school system from the city of Paulínia/SP structured a teaching project that deals with errors as a part of the teaching strategy. The students tell, write and dramatize the stories they make-up. The activity begins with the preparation, by the students, of puppets that become the characters of the stories that are first dramatized, and then written, re-read and corrected.

Key words: teaching-learning, error, school, teacher, student, puppets